

AGRICULTURA FAMILIAR ECOLOGISTA E NATUREZA A PRESERVAÇÃO AMBIENTAL EM PROPRIEDADES DE REFERÊNCIA.

ALTEMBURG, Shirley Nascimento¹; SILVA, Fernanda Novo²; LOVATTO, Patrícia Braga³; BEZERRA, Antônio Jorge Amaral⁴

¹ *Doutoranda Programa de Pós-Graduação em Sistemas de Produção Agrícola Familiar – Universidade Federal de Pelotas - shi_nascimento@yahoo.com.br*

² *Doutoranda Programa de Pós-Graduação em Sistemas de Produção Agrícola Familiar – Universidade Federal de Pelotas – agronanda@yahoo.com.br*

³ *Doutoranda Programa de Pós-Graduação em Sistemas de Produção Agrícola Familiar – Universidade Federal de Pelotas – biolovatto@yahoo.com.br*

⁴ *Docente Programa de Pós-Graduação em Sistemas de Produção Agrícola Familiar – Universidade Federal de Pelotas – ajabez@ufpel.edu.br*

1. INTRODUÇÃO

Atualmente, faz parte dos discursos, em escala mundial, a preocupação da população em relação ao uso adequado de recursos naturais, ao acesso a alimentos saudáveis, à elaboração de políticas públicas coerentes com as reais necessidades da população. Nesta perspectiva, muito se tem falado nos problemas causados pela agricultura convencional¹ e a urgência de mudanças neste setor. Uma vez que a mesma é uma das atividades realizadas pelo homem de maior importância para a sobrevivência da própria espécie humana, pois é esta atividade que proporciona a chegada de alimentos a mesa de milhares de famílias no mundo todo.

Assim, iniciativas que culminem em uma nova forma de fazer agricultura são de suma importância e devem ser apoiadas pelas instituições públicas de forma a garantirem o sucesso em longo prazo dessas iniciativas, proporcionando a realização de uma agricultura sócio - ambientalmente correta e economicamente viável.

É nesta perspectiva que a Agroecologia aparece dando um sinal de que é possível se fazer um outro tipo de agricultura. Altieri (2004), afirma que a Agroecologia proporciona uma estrutura metodológica de trabalho para a compreensão mais profunda tanto da natureza dos agroecossistemas como dos princípios segundo os quais eles funcionam. Contribuindo para que se chegue a uma visão unidimensional, na qual são integrados os princípios agrônômicos, ecológicos e socioeconômicos à compreensão dos agroecossistemas.

Todavia, para se alcançar a sustentabilidade no campo é necessário que se passe da forma convencional de agricultura para a produção agrícola de base ecológica. Para que isto ocorra é necessário transpor o processo de transição agroecológica.

A palavra transição nos remete imediatamente a idéia de mudança, com relação a este fato Costabeber e Moyano (1998, p.2) relatam que

¹ A agricultura moderna propagada pela revolução verde deixou heranças negativas não apenas relacionada a degradação do solo como também na extermínio da diversidade agrícola sustentada pela agricultura familiar, bem como, refletiu na não valorização dos conhecimentos tradicionais passados de geração a geração. (Caporal e Costabeber, 2004)

[...] o termo transição, em sua acepção semântica, pode designar simplesmente a ação e efeito de passar de um modo de ser ou estar a outro distinto [...] (COSTABEBER; MOYANO, 1998, p.2).

Na região sul, as experiências existentes de produção agroecológica, que lograram sucesso, contaram com apoio de instituições, que atuaram a partir de metodologia de redes, fornecendo suporte em áreas limites: assistência técnica para produção, organização sócio-produtiva das famílias e viabilização de espaços de comercialização.

Nesta linha consta o trabalho desenvolvido pela *Rede de Referência em Agricultura Familiar* – implantada pela Embrapa Clima Temperado², e outras grandes experiências vinculadas ao Centro de Apoio ao Pequeno Agricultor e outras tantas em torno da Cooperativa Sul Ecológica. Assim, as redes constituem um instrumento de garantia a uma equilibrada utilização dos recursos naturais na produção de alimentos, que a agricultura familiar de base ecológica tem encontrado suporte para se manter e disseminar, em várias regiões do nosso país, mas principalmente na região sul do Rio Grande do Sul.

Deste modo, o presente artigo relata os benefícios causados pelo processo de transição agroecológica em propriedades de agricultores familiares ecologistas, vinculadas a rede de referência em agricultura familiar coordenada pela Embrapa Clima Temperado.

2. METODOLOGIA

Para dar cabo do presente objetivo esta pesquisa sustenta-se em metodologia qualitativa, teve como método de abordagem fenomenologia, pois considerou o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, correspondentes a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis (MINAYO, 1995).

As informações foram viabilizadas por roteiro de entrevistas (abertas e fechadas) aplicado – entre maio e dezembro de 2010 – em 11 unidades agrícolas familiares, localizadas em seis municípios³ do Rio Grande do Sul, Brasil. Convém ressaltar que além das informações verbais também foram analisadas as expressões dos sujeitos através da observação que possibilitou perceber os sentimentos subjacentes a uma opinião expressa.

3. O PROCESSO DE TRANSIÇÃO E SEUS REFLEXÕES NA PRESERVAÇÃO AMBIENTAL

A construção do projeto da rede foi orientado ao contingente de agricultores familiares da região, que se encontravam organizados e dispostos a iniciar práticas sustentáveis em Agroecologia, mas carentes de suporte técnico-científico ao processo de transição. A rede, baseada em princípios epistêmico-metodológicos utilizou a interdisciplinaridade, a multi-institucionalidade, o reconhecimento e valorização do saber dos agricultores e a participação social

² Esta rede estava no escopo do projeto RS Rural, o qual reunia entre seus desígnios o subsídio do processo de transição agroecológica na região sul do Rio Grande do Sul (MEDEIROS *et al*, 2005)

³ Os municípios são: São Lourenço do Sul, Canguçu, Rio Grande, Pelotas, Morro Redondo e Turuçu.

como forma de promover um arranjo local de pesquisa e desenvolvimento (PERERA, 2009).

No que tange a realidade estudada, a preservação ambiental é um dos elementos marcantes dentro deste processo de transição agroecológica e reflete sobre a manutenção e ampliação da biodiversidade, convertendo em práticas de conservação.

Isto encontra par na realidade estudada, um dos elementos que justifica isto é o sensível aumento da flora em relação ao período em que se praticava agricultura no modelo convencional.

Convém ressaltar que se trata de uma nova relação entre o homem e o espaço produtivo, assentada na lógica de intimidade entre homem e ambiente, permitindo que realize um manejo sustentável, sem preservar a noção de “natureza intocada”.

Os dados mostram que os agricultores respeitam a mata nativa, especialmente as que seguem no entorno dos rios e arroios. Isto, não só pelo conhecimento que possuem da legislação, mas também por compreenderem a importância da diversidade de fauna e flora, para o equilíbrio do agroecossistema e para manutenção dos recursos hídricos.

Atrrelado a isto, grande parte dos agricultores informaram não desenvolver atividades de caça e não permitir que terceiros a realizem em suas propriedades, tendo como um dos efeitos a manutenção da vida silvestre. Outro elemento, que sustenta esta relação diferencial entre homem e espaço produtivo é a forma como os agricultores interagem com os animais silvestres, utilizando-se práticas de manejo não-convencionais, ou seja, fazendo cordões alimentares ao redor dos cultivos, evitando perdas nas lavouras, ao mesmo tempo em que mantém a diversidade local.

Relativo ao destino dos resíduos sólidos domiciliares, em grande parcela das propriedades o lixo é recolhido pela coleta municipal, onde não há esta coleta os resíduos são queimados ou depositados sobre pedras. Com relação as restos de poda e roçada, são incorporados como cobertura vegetal.

Estas práticas são importantes para a preservação ambiental e representam um avanço no meio rural, uma vez que se rompe a noção de autoregulação do ambiente e traz como vantagens a redução de custos na produção; o manejo ambientalmente correto, a garantia da qualidade dos alimentos produzidos, e aumento da capacidade produtiva a longo prazo e sustentabilidade da propriedade rural.

4. CONCLUSÕES

A partir do exposto, observa-se que o processo de transição agroecológica – expresso pela ecologização das práticas agrícolas e preservação ambiental, segundo processo de ação social coletiva, representado no projeto da *Rede de Referência em Agricultura Familiar* – caracteriza-se pela aceitação destes agricultores a projetos coletivos, convergentes aos seus interesses, expectativas, crenças e valores compartilhados e coerentes com a viabilização de uma equilibrada utilização dos recursos naturais na produção de alimentos, pelo uso de práticas que atendem aos pressupostos de uma atividade sustentável e voltada aos imperativos de uma sociedade comprometida com o futuro.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALTIERI, M. **Agroecologia: a dinâmica produtiva da agricultura sustentável**. 4a ed. Porto Alegre: Ed. da Universidade – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 110p., 2004.
- CAPORAL, F. R.; COSTABEBER, J. A. **Agroecologia e Extensão Rural: contribuições para a promoção do desenvolvimento rural sustentável**. Brasília: MDA/SAF/DATER-IICA, 166p. 2004.
- COSTABEBER, J. A.; CAPORAL, F. R. **Possibilidades e alternativas do desenvolvimento rural sustentável**. In: VELA, H. (Org.): Agricultura Familiar e Desenvolvimento Rural Sustentável no Mercosul. Santa Maria: UFSM/Pallotti, p. 157-194. 2003.
- COSTABEBER, J. A.; MOYANO, E. **Transição Agroecológica e Ação Social Coletiva**. Agroecologia e Desenvolvimento Rural Sustentável, Porto Alegre, v.1, n.4, p.50-60, out./dez. 2000.
- MEDEIROS, C. A.; REICHERT, L. J.; GOMES, J. C. C. e HEBERLÊ, A. L. O. **Tecnologias para os sistemas de produção e desenvolvimento sustentável da agricultura familiar**. Pelotas: Embrapa Clima Temperado, 89p. 2005.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Ciência, técnica e arte: o desafio da pesquisa social**. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza. Pesquisa Social: teoria, método e criatividade. 4 ed. Petrópolis: Vozes, p. 7-29. (Coleção Temas Sociais). 1995
- PERERA, F. R. A. **O uso de metodologias participativas na democratização do conhecimento: avaliação de Rede de Referência na Região Sul do RS**. 2009. 90 p. (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal de Pelotas. Sistema de Produção Agrícola Familiar. Pelotas